

## RESUMO

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Inez Turazzi

Museu Imperial – Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM

### Marinhas do Rio de Janeiro: tradição e experimentação fotográfica nos oitocentos

As marinhas criadas por gravadores, litógrafos, fotógrafos e editores do século XIX, fascinados por uma cultura marítima cada vez mais difundida, buscavam inspiração nos padrões consagrados pela pintura de paisagens, tanto quanto nas possibilidades de assimilação e subversão desses padrões oferecidas pelas novas tecnologias da imagem. Combinando tradição e experimentação, as fotografias da baía e da orla do Rio de Janeiro realizadas por Marc Ferrez (1843–1923) situam-se nesta perspectiva, além de serem um dos segmentos menos conhecidos de sua obra, hoje tão celebrada.

A trajetória de Ferrez confunde-se com a história da fotografia no Brasil, entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A diversidade temática e formal das imagens do fotógrafo e a extensão no tempo e no espaço desse vasto legado são características já bastante conhecidas. Analisando-se a produção fotográfica brasileira da época e sua inserção nos eventos celebrativos da nação, constata-se a importância das exposições artísticas e industriais (provinciais, nacionais e internacionais) para a circulação pública das imagens fotográficas do período, assim como a destacada presença de Ferrez nesses eventos.

Com atuação singular junto à Marinha brasileira desde os anos 1860, o fotógrafo dedicou-se ao registro de embarcações, instalações navais e cenas marinhas do Rio de Janeiro que introduziram, nas décadas de 1880 e 1890, uma importante inovação no mundo fotográfico. Empregando um equipamento dotado de dupla distância focal e negativos de gelatino-brometo de prata (as chamadas “placas secas”, bem mais sensíveis, recém-introduzidas no mercado), Ferrez obteve imagens de um ponto de vista inusitado, por ele denominadas de “instantâneos marinhos”. Quais os desafios encontrados pelo fotógrafo na exploração de um gênero consagrado e, ao mesmo tempo, objeto de experimentação tecnológica tão inovadora? Que representações da paisagem marinha do Rio de Janeiro figuram nesses instantâneos? Quais as suas repercussões? Estas e outras questões têm orientado a pesquisa em curso, realizada com o apoio do CNPq.

O levantamento das imagens que são objeto desta pesquisa concentra-se no acervo de negativos de vidro do fotógrafo, pertencente ao Instituto Moreira Salles, agora já catalogado e disponível à consulta, bem como nas marinhas da coleção Geyer, brasileira doada ao Museu Imperial, entre outras imagens de coleções e instituições nacionais e estrangeiras.